

A interdisciplinaridade como proposta pedagógica para a inclusão nas aulas de educação física escolar

Carlos Eduardo Raimundo da Silva

Graduado em Educação Física pela UNIFE/SC

Camila da Cunha Nunes

Mestranda em Educação pela FURB/SC

Fabio Zoboli

Professor do Depto. de Educ. Física da Universidade Federal de Sergipe

Doutor em Educação pela UFBA

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo compreender os desafios da cultura inclusiva para a Educação Física escolar tendo a interdisciplinaridade como proposta pedagógica. Num primeiro momento a Educação Física é apresentada como campo interdisciplinar de conhecimento por não ser uma ciência e sim uma área que tem como objeto as manifestações da cultura corporal de movimento. Posteriormente apresentamos a interdisciplinaridade como proposta pedagógica que nos permite um pensar mais complexo e dialógico. Ao final trazemos ao texto a interdisciplinaridade como ferramenta para mediar as práticas de Educação Física levantando algumas reflexões a fim de contribuir com a cultura inclusiva.

Palavras-chave: Educação Física escolar; inclusão; interdisciplinaridade.

Abstract

The present work aims to understand the challenges of inclusive culture for Physical Education with an interdisciplinary as an approach to teaching proposal. At first moment the Physical Education is presented as an interdisciplinary field of knowledge because it is not a science but an area that has as object the cultural manifestations of body movement. Subsequently we present the pedagogical interdisciplinarity that it allows us to think of a more complex and dialogical. At the end of the text we bring interdisciplinarity as a tool to mediate the practice of Physical Education raising some thoughts to contribute to the inclusive culture.

Keywords: Physical Education; inclusion; interdisciplinarity.

Os últimos anos do século passado e os primeiros anos deste novo milênio foram permeados por vários questionamentos no contexto da Educação Física brasileira no que tange as questões de cunho epistemológico. “Como falar de Educação Física frente aos ecos de sua crise epistemológica e científica? Qual o objeto de estudo da Educação Física? A Educação Física está a reboque de outras ciências? Como situar problemas e contendas presentes na Educação Física que são originalmente problematizações e discussões de outras áreas do conhecimento e ciências?” Todas essas foram questões que pautaram debates que contribuíram sobremaneira para que a Educação Física caminhasse alguns passos à frente na busca de sua identidade acadêmica enquanto campo/área do conhecimento.

Frente a estes litígios acreditamos que muito já se tenha discutido e parece que alguns consensos já foram consolidados. De qualquer forma mencionamos que este texto pactua com os argumentos de Bracht (2007) que defende a ideia de que a Educação Física não é uma ciência, no entanto, ela está interessada nas ciências e nas explicações científicas. Nesta perspectiva, a Educação Física é uma prática de intervenção e o que a caracteriza é a intenção pedagógica com que trata um conteúdo que é retirado do universo da **cultura corporal de movimento**. “Ou seja, nós da Educação Física, interrogamos o movimentar-se humano sob a ótica do pedagógico” (BRACHT, 2007, p. 33).

O termo cultura corporal de movimento, na menção de Pich *in* González e Fensterseifer (2006) deve ser entendido no contexto da Educação Física a partir de um processo de superação de uma concepção biologicista-mecanicista do corpo e do movimento abandonando a crença da possibilidade de orientar uma prática corporal meramente por princípios técnicos ou tecno-científicos, desvinculada de toda e qualquer orientação pedagógico-política.

Apropriar-se de um movimento através da cultura é apreender uma significação através do corpo – na interação de toda sua multiplicidade e

complexidade. Como afirma Merleau-Ponty (1999) essa apropriação não pode ser alcançada somente pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa um instrumento, e ele projete em torno de si um mundo cultural.

Isso significa dizer que o objeto da pedagogia da Educação Física está situado nas problemáticas¹ que envolvem, sobretudo, as manifestações culturais do movimento humano. Movimento este que implica num homem/corpo que tem história, que tem uma estrutura biológica, psíquica, um homem/corpo que exerce e sofre poder político, que é atravessado por implicações de cunho moral e ético, um homem/corpo econômico e possuidor de classe, enfim, um homem/corpo que se movimenta em meio a essa complexidade de multiplicidades que o torna um ser único e com necessidade de movimento.

Sendo o movimento e a cultura corporal temas tão complexos pode-se afirmar que a Educação Física é composta por um emaranhado de diferentes áreas. Unir um único objeto científico para a Educação Física é, a nosso entender, um tanto quanto impossível. Por isso acreditamos e pactuamos novamente com Bracht (2007) quando o mesmo menciona que a Educação Física precisa ser mais pensada em pequenas comunidades de diálogo em torno de uma problemática teórica acordada e compartilhada a partir da cultura de movimento. Isso vai significar, provavelmente, a presença de diferentes comunidades organizadas de diferentes formas, produzindo e vinculando conhecimentos que se orientam em diferentes problemas.

Neste contexto, a Educação Física seria assim um campo que pensaria de modo científico sobre as formas de educar o ser humano/corpo (ser/corpo este que se movimenta e traz em seu movimentar-se a sua complexidade: física, psíquica, social, sagrada, cultural, econômica, política, ética...). Estas formas de educar (prática pedagógica) estariam então fundamentadas em

¹ Importante mencionar que temos consciência que nem todos os problemas são fundamentalmente objetos de estudo, pois a ciência traz em si várias limitações no que tange aos modos/métodos com que ela se relaciona com a diversidade e complexidade dos saberes.

conhecimentos científicos oferecidos pelas abordagens de diferentes disciplinas.

Diante disso surge então a necessidade de se pensar a Educação Física de forma interdisciplinar para então melhor resolvermos as necessidades/problemas desde ser humano/corpo (complexo) do qual educamos. Pois, as especificidades das disciplinas científicas são, a nosso ver, insuficientes – ou no mínimo reducionistas – para se explicar a complexidade de uma prática educativa que articula problemas de um humano/corpo físico, psicológico, sagrado, cultural, econômico, político, ético...

Pensar a Educação Física enquanto prática profissional e/ou pedagógica implica pensar a mesma no seu cerne “utilitário” dentro de um contexto cultural – sociedade. Neste sentido, acreditamos que a Educação Física na atualidade, enquanto prática profissional e/ou pedagógica atuaria de modo científico e pedagógico em ambientes onde se trabalhe com questões relacionadas ao contexto educacional/escolar, ao desporto; saúde – tanto em nível de promoção, prevenção, proteção e recuperação –; estética; recreação e lazer; bem como em outras manifestações onde se desvela a cultura corporal de movimento.

Interdisciplinaridade: a possibilidade de um pensar dialógico

Este enfoque versado até o momento é pautado numa perspectiva interdisciplinar tendo como intuito ultrapassar as fronteiras reducionistas dos fenômenos, em vista de análises, construções e intervenções contextualizadas e dialógicas que alcance a totalidade da Educação Física enquanto campo do conhecimento visualizado na sociedade.

Os processos dialógicos pautados em saberes interdisciplinares vão além da busca de modelos ideais pré-estabelecidos, sua construção é um processo em constante desenvolvimento.

Segundo Cutolo (2007) a interdisciplinaridade se caracteriza pela possibilidade do trabalho conjunto na busca de soluções, respeitando-se as bases disciplinares e pela intensidade das trocas entre os Coletivos de Pensamento e pelo grau de integração no interior de um “projeto”.

Deste modo:

a interdisciplinaridade, enquanto princípio mediador entre as diferentes disciplinas, não poderá jamais ser elemento de redução a um denominador comum, mas elemento teórico-metodológico da diferença e da criatividade. A interdisciplinaridade é o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão dos seus limites, mas, acima de tudo, é o princípio da diversidade e da criatividade (ETGES, 2000, p.18).

Corroboramos com o autor supracitado e apontamos que acima de tudo para superarmos este paradigma histórico fundamentado no modelo fordista e taylorista de produção, fragmentado com isolamento em linhas de produção, em que segundo Cartier (2008) o capitalista deveria assumir o controle de todo trabalho – centralizando todo processo produtivo – sustentado por um conjunto de práticas de controle de trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político e econômico, caracterizando o processo de desumanização, e uma prática educativa fragmentada.

Esta visão é baseada numa concepção funcionalista de currículo e, que segundo Santomé (1998) nestas condições a interdisciplinaridade e a globalização como estratégia organizativa e metodológica ficam reduzidas a um mero slogan ou a conceitos sem conteúdos.

Este currículo funcionalista acaba por distanciar as discussões entre os profissionais envolvidos nas diversas categorias de ensino, que respeite as especificidades de cada categoria por meio de um processo participativo e interdisciplinar.

O pensar e o agir interdisciplinar se baseia no princípio de que nenhuma fonte de conhecimento é em si completa e que, pelo diálogo com as outras formas de conhecimento, de maneira a se interpretarem, surgem

novos desdobramentos na compreensão da realidade e sua representação (FERREIRA, 2006). Pois, o conhecimento é construído historicamente e se ressignifica a partir dos questionamentos efetivados e nas relações que o ser humano constrói diariamente.

Interdisciplinaridade é a integração de dois ou mais componentes curriculares na construção do conhecimento por meio da obtenção do encontro de pontos comuns de diálogo. A interdisciplinaridade surge como uma das respostas à necessidade de uma reconciliação epistemológica, processo necessário devido à fragmentação dos conhecimentos. A interdisciplinaridade buscou conciliar os conceitos pertencentes às diversas áreas do conhecimento a fim de promover avanços como a produção de novos conhecimentos ou mesmo, novas subáreas.

Santomé (1998) considerando esta complexidade que comporta o mundo e o conhecimento salienta que o mundo em que vivemos já é um mundo global, cujos conhecimentos/saberes estão relacionados tanto nacional como internacionalmente; um mundo onde as dimensões financeiras, culturais, políticas, ambientais, científicas, etc., são interdependentes, e onde nenhum de tais aspectos pode ser compreendido de maneira adequada à margem dos demais. O currículo globalizado e interdisciplinar converte-se em uma categoria capaz de agrupar uma ampla variedade de práticas educacionais desenvolvidas nas salas de aula, e é um exemplo significativo do interesse em analisar a forma mais apropriada de contribuir para melhorar os processos de ensino e aprendizagem.

Segundo Ferreira (2006) o pensar interdisciplinar exige o rompimento com uma série de obstáculos, cujo se destaca a tendência fragmentadora e desarticulada do processo de construção do conhecimento, colocando a pesquisa e o ensino como processo reprodutor de um saber parcelado que, conseqüentemente, tem refletido na profissionalização, nas relações interpessoais, no fortalecimento da predominância reprodutivista e na desvinculação do conhecimento global de sociedade.

Esse é um dos entraves visualizados no Ensino Superior retratado na Educação Física escolar em que se tem uma categoria comum – Educação Física – e as diversas disciplinas que a envolvem não dialogam, se materializando um saber fragmentado. Para que haja esta operacionalização é necessário ter um eixo disciplinar comum mínimo entre as diversas disciplinas que fazem parte dos currículos escolares – para que possa ocorrer à discussão – essa discussão atualmente apenas se manifesta no campo teórico.

Isto vem a acarretar resultados tanto no processo de trabalho, nos espaços educacionais, seja nos ambientes formais ou informais de ensino, não considerando a totalidade dos processos que envolvem o ser humano, neste sentido a complexidade, diversidade e a variabilidade das relações que o envolvem seja de ordem social, política, cultural e/ou econômica são subestimadas ou esquecidas.

Esta lógica não oferece condições de espaços de construção coletiva, representativa e reflexiva, para o desenvolvimento da autonomia e expressão das subjetividades dos sujeitos.

A interdisciplinaridade como proposta inclusiva

Quando o material é o amor, o instrumento,
a perseverança, o tempero, a dignidade,
o método parece que não é grande problema.

Paulo Freire

Como mencionado anteriormente pactuamos com Bracht (2007) quando o mesmo defende a ideia de que a Educação Física é composta por um emaranhado de diferentes áreas/ciências. Neste sentido, na práxis da Educação Física com fins inclusivos a reunião de várias áreas/disciplinas se faz necessário para melhor compreender a pessoa com deficiência bem como todo entorno no qual a mesma está envolvida no processo de inclusão. Contudo, Severo e Paula (2010) afirmam que: “não basta aproximar várias disciplinas em um programa de estudos para se produzir um saber

interdisciplinar. A interdisciplinaridade é uma prática altamente complexa que exige uma reflexão epistemológica.” Para Japiassú (1976) a interdisciplinaridade acontece com a intercomunicação na relação disciplinar, promovendo uma alteração entre ambas, a partir de um diálogo compreensível, tendo em vista que não basta a existência de uma troca de informações para que o ensino configure-se como processo interdisciplinar.

Sendo o universo tão grande e complexo, seu conhecimento passou a ser feito pelas partes. Foi essa ideia de que a fragmentação facilita a compreensão do conhecimento científico que orientou a elaboração de disciplinas consideradas indispensáveis à construção do saber. Tal simplificação, por outro lado, complicou a compreensão de fenômenos mais complexos.

Alertar os acadêmicos de Educação Física para uma atitude interdisciplinar se faz necessária no seu processo de formação – o ensino baseado na interdisciplinaridade proporciona uma aprendizagem muito mais significativa e rica para o acadêmico – pois os conceitos estão organizados em torno de unidades globais, de estruturas conceituais e metodológicas compartilhadas por várias disciplinas.

Neste caso a tônica é o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento. Um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento. Neste caso, se faz necessária uma coordenação que integre objetivos, atividades, procedimentos, planejamentos e propicie o intercâmbio, e a dialética entre os envolvidos no trabalho pedagógico.

A nosso ver, a formação acadêmica não pode abrir mão da interdisciplinaridade como ferramenta para formar um professor de Educação Física frente os desafios inclusivos. O ser humano é complexo, o processo de inclusão também.

Marchesi (2004) salienta que o conceito de escolas inclusivas supõe uma maneira mais radical de entender a resposta educativa à diversidade dos educandos e se baseia fundamentalmente na defesa de seus direitos à integração e a necessidade de promover uma profunda reforma das escolas,

que torne possível uma educação de qualidade para todos, sem nenhum tipo de exclusão.

Para isso, não encontraremos fórmulas ou modelos que vem a nos indicar que caminhos percorreremos para conseguir tal feito, o que podemos é transitar e a partir disso reconstruir métodos de ensino aprendizagem, até mesmo porque a construção do conhecimento é um processo a ser construído diariamente nas relações sociais com os indivíduos e não um dogma.

Desse modo, há desafios a serem vencidos e discutidos e rediscutidos sobre como propiciar a inclusão escolar. Mantoan (2009, p. 10) nesta esteira salienta que “não somos iguais em tudo, mais conquistamos o direito à igualdade e devemos reclamá-lo, toda vez que nossas diferenças forem motivo de exclusão, discriminação, limitação de possibilidades na escola, na sociedade em geral.”

Disseminou-se historicamente o entendimento que nós humanos somos mediados por princípios de igualdade, ou seja, nascemos e crescemos estigmatizados pelo lema de que “somos todos iguais”. Não estamos negando essa igualdade, até porque nas relações sociais ela é de fundamental importância principalmente no que tange as questões legais. Porém, na condição humana só há uma coisa que nos caracteriza como iguais: a condição de que somos diferentes, ou seja, o normal é ser diferente.

No entanto, na tentativa de fazer com que o leitor não nos interprete a partir dos radicalismos trazemos ao texto a citação de Boaventura de Souza Santos quando o mesmo menciona que: Temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza (SANTOS, 2002).

O princípio da igualdade precisa ser mediado pelo respeito à diferença, pois a inclusão só poderá acontecer na medida em que o ser humano possa exercer o direito de ser diferente. É como nos alertam Forest e Pearpoint *in* Mantoan (1997, p. 138):

inclusão trata, sim, de como nós lidamos com a diversidade, como lidamos com a diferença, como lidamos (ou como evitamos lidar) com a nossa moralidade (...) inclusão não quer absolutamente dizer que somos todos iguais. Inclusão celebra sim, nossa diversidade e diferença com respeito e gratidão. Quanto maior a nossa diversidade, mais rica é a nossa capacidade de criar novas formas de ver o mundo (...) inclusão é reconstruir nossos corações e nos dar as ferramentas que permitam a sobrevivência da humanidade como uma família global.

O humano enquanto ser único carece de respeito no que tange a sua individualidade. A vida é igual a uma grande orquestra, onde cada ser é ao mesmo tempo instrumento e partitura única a emitir sons e notas. A diferença faz a beleza da música, você já imaginou se só existissem os trombones? Seja o respeito à diversidade a mais bela sinfonia e não um desafinar que causa vergonha e prelúdio de morte.

Este é um convite a uma pedagogia da diferença, pedagogia esta que segundo Trindade *in* Garcia (2002, p. 87):

reconhece em cada ser humano, em cada corpo humano, a singular diferença que não se repete no universo, logo reconhece a precisidade de cada um e, por conhecer, acolhe, e por acolher, valoriza e, porque valoriza, compromete-se e, ao comprometer-se, afirma essa singular existência humana, esse corpo singular como potencialidade, infinita potencialidade. E porque comprometido, valoriza e porque valoriza, acolhe, e porque acolhe viabiliza, afirma, promove, respeita, encanta-se e encontra-se, misturam-se em afetos, sonhos, produções e ações coletivas a favor da vida, em sua multiplicidade e infinitas possibilidades que se metamorfoseiam e se transformam a cada instante.

Na escola inclusiva, na perspectiva de uma escola para todos os educandos não se reduzem a pessoas rotuladas por docentes, especialistas, que condenam a categorização e hierarquização, impostas por aparatos psicológicos e pedagógicos. Cada educando é um sujeito, cuja complexidade não se mede de fora e que precisa de situações estimuladoras para que cresça e avance em todos os aspectos de sua personalidade, a partir de uma construção ao mesmo tempo social e pessoal, que vai se definindo e transmutando a sua identidade (MANTOAN, 2009).

O processo interdisciplinar pautado num processo dialógico favorece este trabalho na medida em que considera as peculiaridades de cada ser humano envolvido. Este processo mediatizado e orientado considerando a diversidade e os princípios da alteridade consiste no ato de considerar as diferenças.

Nesta linha, segundo Fleuri (2006), questionam-se os dispositivos de normalidade, de sujeição e de inclusão-excludente-sujeitadora e, para além de uma perspectiva estereotípica da diversidade, emerge a perspectiva da diferença. Problematizam-se as relações sociais e educacionais em sua dimensão institucional, a partir do reconhecimento da alteridade que se manifesta nas ações, nos saberes, nas opções, nas interações desenvolvidas pelos diferentes sujeitos. Sujeitos que se formam subjetivamente no jogo fluído, ambivalente, relacional do entrelaçamento de suas diferentes identidades e - constituem e transformam estes mesmos campos identitários. Desse modo, se as pessoas se educam em relações entre si, mediatizadas pelo mundo (Paulo Freire), também seus mundos e suas culturas se transformam na medida em que eles estabelecem mútuas interferências, mediatizadas pelas próprias pessoas que interagem.

Assim podemos utilizar como ferramenta pedagógica a abertura que a disciplina de Educação Física permite dentro do currículo escolar, buscando construir um plano de ensino voltado à verdadeira realidade e necessidade de cada aluno, buscando um trabalho dentro do contexto individual/coletivo e de sensibilização/cooperação, portanto, preparando o aluno para as dificuldades e também para um convívio social.

Segundo Soller (2005):

o papel do professor de Educação Física na inclusão, como em qualquer outra modalidade de ensino, é o de criar desequilíbrios, apresentando a seu aluno, o novo e o desconhecido, pois diante do desafio, a criança tende a assimilar o conhecimento, utilizando os recursos motores e mentais que possui. Provocar desequilíbrios, porém, não é deixar a criança à deriva; ela deve poder estabelecer uma ligação entre o conhecido e o desconhecido. É fundamental que o professor atue como mediador entre o conhecimento e o educando sempre

dando espaço para a reflexão: fazer, e muito mais importante que isto, compreender o que fez (p. 107).

Ao invés do professor exigir movimentos perfeitos, gestos técnicos e rendimento podem propiciar situações em que o próprio aluno construa seus movimentos a partir das limitações que possui e ele mesmo descobre formas e maneiras de agir possibilitando a sua inclusão dentro das limitações que possui. Desta forma realizando o confronto entre o conhecimento científico (movimentos estereotipados) com o conhecimento do senso comum (movimento que o aluno já possui).

Considerações finais

O presente texto como objetivo versar sobre os desafios da Educação Física escolar frente ao processo de inclusão a partir de elementos apresentados pela interdisciplinaridade na medida em que considera o sujeito como ser único e complexo. Pretendeu-se, com as reflexões apresentadas nas tensivas estabelecidas no trabalho, poder contribuir com a promoção da cultura inclusiva nas práxis da Educação Física requerendo o respeito e o convívio com os diferentes corpos.

O olhar o diferente depende da posição relativa daquele que percebe e daquele que é percebido, e do grau em que os esquemas de percepção e apreciação postos em ação são conhecidos e reconhecidos pelos envolvidos. Uma das funções sociais da escola – e da educação da Educação Física como parte dela – neste sentido, é a reflexão e a (re)significação das lentes que focam os olhares sobre os diferentes e as diferenças. Sob este viés a interdisciplinaridade é ferramenta pedagógica a ampliar os esquemas de percepção e sensibilização rumo à inclusão de todos nas práxis da Educação Física escolar.

A interdisciplinaridade como proposta pedagógica rompe com paradigmas rasos e simplistas e proporciona compreensões mais complexas na medida em que nos permite um pensar dialógico. Neste sentido, vemos a interdisciplinaridade como ferramenta importante para mediar as práxis de

Educação Física na perspectiva de contribuir com a cultura do respeito à diversidade, valor este emergente para a garantia da contemplação da decência humana na sua essencialidade enquanto corpo no mundo.

Pela complexidade das manifestações da cultura corporal de movimento, a Educação Física precisa se apropriar de saberes e conhecimentos das mais variadas ciências para lidar com suas problemáticas. A interdisciplinaridade, neste contexto, mais uma vez é essencial para contribuir com práxis mais próximas à realidade humana.

Referências Bibliográficas

BRACHT, V. *Educação Física e ciências: cenas de um casamento (in) feliz*. 3º ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

CARTIER, E. Globalização: as consequências para a formação acadêmica e o processo ensino aprendizagem em Educação Física. In: III Episted - III Seminário de Epistemologia e Teorias da Educação e IV Colóquio de Epistemologia da Educação Física, 2008, Campinas. *Anais...* Campinas: FE/UNICAMP, 2008. v. 3. p.44.

CUTOLO, L. R. A. Bases epistemológicas da interdisciplinaridade. In: SAUPE, R; WENDHAUSEN, A. *Interdisciplinaridade e Saúde*. Itajaí/SC: UNIVALI, 2007.

ETGES, N. J. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Orgs.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERREIRA, V. *Educação Física: interdisciplinaridade, aprendizagem e inclusão*. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

FOREST, M. e PEARPOINT, J. *Inclusão: um panorama maior*. In: MANTOAN, M. T. E. A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. P. 137-41. São Paulo: Memnon, 1997.

FLEURI, R. M. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 495-520, maio/ago. 2006

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JAPIASSÚ, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MANTOAN, M. T. E. (Org.). *A escola das diferenças nas escolas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARCHESE, A. Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas. In: COLL, C.; MARCHESE, A.; PALACIOS, J. *Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PICH, S. Cultura corporal de movimento. In: GONZÁLEZ, F. J; FENSTERSEIFER, P. E (Orgs.). *Dicionário crítico de Educação Física*. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 108-111. 2005.

SANTOS, B. S. *Produzir para viver: Os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

SEVERO, C. G.; PAULA, A. C. *No mundo da linguagem: Ensaio sobre identidade, alteridade, ética, política e interdisciplinaridade*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Editora Artes Medicas Sul Ltda., 1998.

SOLER, R. *A Educação Física inclusiva na escola: em busca de uma escola plural*. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

TRINDADE, A. L. da. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. In GARCIA, L. G. (org.). *O corpo que fala dentro e fora da escola*. P. 65-88, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002.